

# A VIVÊNCIA EM ATIVIDADE DE NATUREZA GRUPAL DURANTE A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA a Repercussão na Vida dos Egressos dos Cursos de Graduação da Área da Saúde da UNIJUÍ<sup>1</sup>

Catia Freitas Luciano<sup>2</sup>

Isabel Cristina Pacheco Van der Sand<sup>3</sup>

## Resumo

**Introdução:** Este estudo busca dar resposta à indagação: “Qual a repercussão para egressos da Unijuí, do campo da saúde, oriunda do fato de ter participado de atividades, extracurriculares, de natureza grupal, no período de formação universitária?” Teve como **objetivos:** conhecer a vivência de egressos dos cursos de saúde do Departamento de Ciências da Saúde da Unijuí em atividades de natureza grupal durante sua formação universitária, identificar a repercussão das vivências em atividades de natureza grupal na vida pessoal e profissional de egressos do campo da saúde da Unijuí. **Metodologia:** Estudo qualitativo, descritivo, exploratório. Os sujeitos são egressos do Departamento de Ciências da Saúde da Unijuí que, durante a formação, participaram de atividade de natureza grupal. A coleta dos dados se deu por meio de um questionário contendo perguntas abertas. **Resultados:** A análise dos dados seguiu a proposta de Bardin (1977), do que emergiram duas categorias, das quais aborda-se neste artigo a segunda: *A participação em atividades de natureza grupal durante a formação acadêmica: repercussões pessoais e profissionais*. Participar de atividades, extracurriculares, de natureza grupal, contribui na formação acadêmica, aumentando conhecimentos sobre grupos, atividades de natureza grupal e sobre os temas neles trabalhados; fornece bagagem prática que, mais tarde, na vida profissional, pode ser utilizada.

**Palavras-Chave:** Grupos. Formação universitária. Vida profissional.

**The Experience in Activities of Group Nature During the University Formation: the repercussion in the life of former students of courses of the health area of Unijuí**

## Abstract

**Introduction:** This study aims to ask: “What is the repercussion to former students of the health field of Unijuí, originated from the fact of having participated in extracurricular group activities, in the period of university formation?” The study has as **objectives** to know the experience of former students in group activities during their university formation; and identify the repercussion of those experiences in their personal and professional lives. **Methodology:** It is a qualitative, descriptive and exploratory study. The subjects are the former students of the health field of the Health Science Department of Unijuí that during their academic formation participated in any group activity. The data were gathered through a questionnaire containing open questions, sent to subjects by mail or electronic mail. **Results:** To analyze the data, the methodological proposition of Bardin (1977) was taken into consideration, from which two categories emerged. The second is discussed in this article: *The participation in group activities during the academic formation: personal and professional repercussion*. The study evidences that participation in extracurricular activities of group nature contributes to the academic formation. Furthermore, adds knowledge about groups, group activities and about the themes worked by them. It gives practical knowledge that can be used later in the professional life.

**Keywords:** groups, university formation, professional life.

<sup>1</sup> Artigo originado do Trabalho de Conclusão de Curso de Enfermagem da Unijuí, contendo a segunda categoria emergente da análise.

<sup>2</sup> Formanda do curso de Enfermagem da Unijuí, ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Extensão pelo projeto Grupo de Gestantes e de Familiares: uma alternativa de atenção interdisciplinar.

<sup>3</sup> Enfermeira. Mestre em Enfermagem Obstétrica. Docente do Departamento de Ciências da Saúde da Unijuí. isabel@unijui.tche.br. .

## Do Tema ao Problema de Pesquisa

Um dos dispositivos para atenção em saúde por parte do profissional enfermeiro é a educação em saúde e, para exercê-la, faz-se necessário dispor de tecnologias entre as quais estejam incluídos os trabalhos em grupos (Wall, 2001). Tal premissa, por si só, justificaria o interesse pela temática relativa a grupos operativos. Para melhor fazê-lo e justificar de modo mais preciso a decisão de tecer um trabalho referente a grupos, nos parece que cabe informar que as autoras deste estudo, uma estudante em final do curso de Enfermagem e sua orientadora –, têm inserção em atividade de extensão universitária que opera com grupo de gestantes e seus familiares. Ambas integram a coordenação dessa atividade, que é feita por docentes e estudantes de diferentes cursos, o que a caracteriza como um espaço que se pretende interdisciplinar.

A experiência com essa atividade de natureza grupal e com um componente curricular do curso de Enfermagem (Metodologia e Dinâmica dos Trabalhos em Grupos), na qualidade de docente e estudante, nos permitiu perceber a importância desse trabalho no campo da saúde. Com isso, passamos a perceber a potencialidade dessa modalidade de intervenção no campo da atenção à saúde e nos processos de ensino-aprendizagem.

Percebendo a importância das atividades de natureza grupal operativa no campo da saúde, em especial para a enfermagem, pensando nos achados de Munari e Furegatto (2003) que indicam que o principal limite encontrado na implantação de grupos grupal em saúde, por parte de enfermeiros, é o pouco conhecimento teórico-vivencial, e, ainda, vivendo a realidade de uma instituição de ensino que oferece atividades curriculares e extracurriculares centradas em vivências de natureza grupal, e que tem, em propostas pedagógicas de alguns cursos de graduação (Enfermagem, Educação Física) e de outros em nível de *Lato sensu*, um componente curricular que busca propiciar bases teórico-metodológicas para a formação, implantação e coordenação de grupo em saúde, buscamos com o presente estudo dar resposta a seguinte indagação:

*“O que representa para egressos da Unijuí, ligados à área da saúde, ter participado de atividades de natureza grupal no período de formação universitária?”*

Cabe ressaltar que neste estudo e frente ao objeto para ele delineado, grupo “é o conjunto restrito de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e de espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe, de forma explícita ou implícita, a uma tarefa que constitui sua finalidade” (Pichon-Rivière, 2000, p. 234). Outro ponto que parece importante salientar, a fim de que haja entendimento sobre quais grupos deteremos nosso olhar, é que os grupos podem ser de natureza operativa ou de natureza terapêutica. Nosso estudo, no entanto, tem como foco os grupos operativos, não ignorando a premissa de que “todo grupo operativo é terapêutico, embora nem todo grupo terapêutico seja operativo” (Osório, 2003, p. 32).

Considerando o foco do estudo, destacamos que o surgimento dos grupos operativos se deu em 1945, na Argentina, quando Pichon-Rivière, pelas circunstâncias de seu trabalho, dentro de um hospital psiquiátrico, habilitou pacientes para operarem funções de enfermeiras, surgindo assim a denominação de grupos operativos, que mais tarde recebeu definição do próprio autor como “grupos centrados na tarefa”. Assim, a relação dos integrantes com a tarefa, a busca da cura ou aprendizagem (qualquer que seja sua finalidade), é o que caracteriza tais grupos (Osório, 2003).

Um grupo é operativo, de acordo com Osório (2003), quando preenche os três “M”, ou seja, para que assim se caracterize é necessário de que no campo grupal haja **Motivação** para realização das tarefas, **Mobilidade** nos papéis a serem desempenhados e, ainda, é necessário que haja disponibilidade para que ocorram **Mudanças**, quando essas forem necessárias.

Pensando que as atividades grupais na área da saúde estão sendo utilizadas, cada vez mais, com o objetivo de garantir uma atenção integral à população em geral, consideramos relevante salientar o resultado de um estudo intitulado “Processo grupal em enfermagem: possibilidades e limites”, de auto-

ria de Munari e Furegatto (1997), realizado com coordenadores de grupos, que enfatiza a falta de preparo teórico para a realização das atividades, as quais, na maioria das vezes, estão embasadas apenas em vivências práticas. As autoras apontam a importância de que, durante a graduação, os acadêmicos recebam preparo teórico e técnico para tais atividades.

Diante do objeto aqui delineado e da problematização da temática exposta, traçamos para este estudo os seguintes *objetivos*:

- Conhecer a vivência de egressos dos cursos de saúde do Departamento de Ciências da Saúde da Unijuí em atividades, extracurriculares, de natureza grupal durante sua formação universitária.
- Identificar a repercussão das vivências em atividades de natureza grupal na vida pessoal e profissional de egressos do campo da saúde da Unijuí.

## Percurso Metodológico

Tendo em vista o objeto e os objetivos delineados para o presente estudo, optamos pela investigação de natureza qualitativa, entendida como aquela que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2001, p. 22). É caracterizado, ainda, como descritivo e exploratório conforme expresso em literatura especializada (Gil, 1995; Bogdan; Biklen, 1994; Triviños, 1995).

Os sujeitos deste estudo são egressos da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) que, na época de seu curso de graduação, participaram de alguma atividade de natureza grupal, seja o Grupo de Gestantes e de Familiares (GGF), o Grupo de Estudos em Saúde Mental/Socioterapia e Gerontologia (GSM/S) ou do COLEGES, ou seja, de atividades de natureza grupal operativas operadas pelo Departamento de Ciências da Saúde.

Como critérios de inclusão dos sujeitos do estudo, definimos que os mesmos deveriam ter participado de alguma atividade de natureza grupal na Unijuí, ser egresso há menos de doze anos (época em que iniciaram tais atividades no DCSa/Unijuí); estar cientes dos requisitos e normas adotadas na pesquisa e desejar fazer parte da pesquisa. A seleção dos sujeitos foi feita por “amostragem intencional” (Lo Biondo-Wood; Haber, 2001) uma vez que grande parte das pessoas, passíveis de colaborar com o estudo, são conhecidas das pesquisadoras.

O tamanho da amostra foi definido pela saturação de dados e, partindo desses parâmetros, os sujeitos que fizeram parte da pesquisa foram em número de oito, sendo que desses, sete são do sexo feminino e um do masculino. Estes são identificados, no estudo, por letras do alfabeto português. Dos participantes, três são residentes da cidade de Ijuí, onde desenvolvem atividades profissionais; são eles: A, E e F. Outros quatro residem em municípios da região de Ijuí – B, C D e G, e apenas H reside em um município de outro estado da federação (Minas Gerais). Por fim, apenas o C é egresso do curso de Nutrição, os outros todos são do curso de Enfermagem.

Cabe destacar que o *Grupo de Gestantes e de Familiares* (GGF), que na Unijuí tem a denominação de Grupo de gestantes e familiares: uma alternativa de atenção interdisciplinar, de acordo com o projeto que fundamenta a existência do grupo, teve origem em meados da década de 90, com o nome de Curso de Preparação para o Parto e Noções de Puericultura, com o objetivo de propiciar aos acadêmicos do curso de enfermagem um espaço para o desenvolvimento de atividades de educação em saúde com as gestantes e familiares (Van Der Sand; Campos; Sartori, 2003).

Percebendo a valia desse trabalho, nos anos seguintes foram-se agregando, à proposta, professores e acadêmicos dos cursos de nutrição, de fisioterapia e de psicologia, o que passa a caracterizá-lo, entre outros fatores, como uma atividade interdisciplinar.

A atividade (GGF), nos dias atuais, busca propiciar às gestantes e familiares espaços de discussão e de expressão das vivências relativas à gravidez,

auxiliar na elaboração desta situação de vida, que emerge da assunção de um desejo que pode se problematizar quer seja pelas intercorrências orgânicas ou subjetivas, discutir com os participantes do grupo os diferentes aspectos que envolvem a gravidez, o parto o puerpério e os cuidados com um filho recém-nascido, realizar trabalho corporal com as gestantes visando uma melhor vivência no processo de parturição e aleitamento materno, proporcionar aos acadêmicos dos cursos de enfermagem, de nutrição, de fisioterapia e de psicologia, da Unijuí, a oportunidade de desenvolverem atividades de natureza grupal e operativa, fornecer aos alunos a possibilidade de realizar o planejamento e a gestão de uma atividade grupal de modo compartilhado, ou seja, em equipe, criar, para estudantes e professores, espaço de estudos acerca de grupos operativos no campo da saúde, dinâmica grupal e aspectos relativos ao ciclo gravídico-puerperal, maternidade e paternidade, bem como de produção científica sobre tais temas (Van Der Sand; Campos; Sartori, 2004).

Em virtude de seus objetivos e de operar em dois momentos distintos, que são estreitamente relacionados, o GGF caracteriza-se como um grupo operativo, terapêutico, que busca dar suporte a gestantes e seus familiares e um grupo operativo de ensino-aprendizagem. Esta segunda classificação alude à equipe (professores e estudantes) que coordena as atividades desenvolvidas com esse contingente populacional (gestantes e familiares), visto que ela, na medida em que avalia as atividades realizadas, vai re-planejando-as e associando a teoria (sobre dinâmica de grupo, dinâmica da gravidez, da maternidade/paternidade, por exemplo) com a vivência no grupo de mulheres grávidas e suas famílias (Van Der Sand; Campos; Sartori, 2004).

O *Grupo de Estudos em Saúde Mental e Gerontologia*, vinculado também ao DCSa, em seus primórdios – março de 1997 –, constava de dois grupos: um que tratava das questões relativas à saúde mental e o outro referente à gerontologia. O Grupo de estudos em saúde mental era composto em 2001 por três docentes da área de saúde mental e oito estudantes de Enfermagem. Quanto ao enquadre grupal, o grupo é fechado, recebendo novos elementos à medida que ocorrem saídas por ocasião da

formatura dos estudantes, desistência ou saída para aperfeiçoamento profissional ou acadêmico de algum de seus integrantes. No que tange à tipologia o grupo classifica-se como operativo do tipo ensino-aprendizagem, reunindo-se uma vez por semana, por um período de duas horas semanais, com o objetivo de estudar e discutir temas referentes à prática da enfermagem psiquiátrica e saúde mental (Van Der Sand et al., 2001). As autoras referem que, além do estudo que pode emergir de situações vividas pelos membros do grupo em seu cotidiano, o grupo procura pensar a atividade grupal do enfermeiro a partir dos movimentos e dinâmicas que ocorrem no grupo dentro de um referencial teórico-vivencial.

Cabe destacar que de acordo com a mesma fonte “esse espaço grupal está articulado ao grupo de atividades socioterápicas do Bairro Glória, havendo um revezamento entre seus membros na coordenação e atenção a essas sessões grupais” (Van Der Sand, 2001, p. 60). Esta atividade, com pacientes psicóticos e neuróticos graves, é de natureza grupal operativa, do tipo terapêutico, tendo por objetivo oferecer a seus participantes um espaço de socialização, o que ocorre por meio de trocas interpessoais. Os coordenadores participam ativamente das atividades artesanais, nos jogos de cartas, nas conversas, oferecendo seus recursos pessoais como instrumentos para a promoção da saúde mental de seus participantes.

O Grupo de Estudos em Gerontologia que, de acordo com Van der Sand, et. al. (2001), teve seu início em 1998, por manifestação de interesse de um grupo de estudantes em discutir e aprofundar conhecimentos na área de gerontologia, hoje está integrado ao Grupo de Estudos em Saúde Mental. Na sua origem, contava com professores e estudantes dos cursos de Enfermagem e de Nutrição e, ainda, com estudantes de Farmácia. O objetivo principal atinha-se à discussão de temas relacionados à gerontologia, buscando, também, a integração entre docentes e estudantes de diferentes cursos para o compartilhamento de experiências e reflexão sobre as contribuições de cada área para esse campo do saber.

O *Colegiado de Estudos em Gestão em Saúde Coletiva* (Coleges) teve sua fundação em abril de 2000, com cerca de 15 integrantes. Foi criado a partir da necessidade, identificada por estudantes

do curso de enfermagem, em aprofundar seus conhecimentos sobre a temática relativa à saúde coletiva, bem como propiciar outros espaços de discussão sobre gestão em saúde coletiva, além do espaço formal da sala de aula. É um grupo aberto (ou seja, pode participar qualquer estudante ou professor que tenha interesse na temática e disponibilidade para as reuniões, que são semanais, com duração em torno de três a quatro horas, no turno vespertino). Não conta, atualmente, com supervisão de professores, mas com sua participação eventual. Cabe destacar que o grupo não possui registros escritos sobre sua organização e funcionamento, assim contamos com a contribuição de um de seus componentes para esta breve descrição.

No que tange à coleta dos dados deste estudo, esta se deu por meio de um questionário emitido por correio eletrônico ou via postal, contendo cinco questões abertas, quais sejam: 1) Qual o(s) grupo(s) que você participou enquanto estava na Unijuí? 2) Conte sua experiência nesse(s) grupo(s). Escreva de cada um em separado. 3) Relate quais seus sentimentos em relação à vivência no grupo? 4) Na sua opinião, essa vivência trouxe alguma contribuição na sua formação acadêmica? Justifique sua resposta. 5) Você tem utilizado, em sua vida atual, os conhecimentos oriundos da vivência em grupos, mencionadas nas questões anteriores? Escreva sobre isto.

Em virtude de a população ser pequena, o que diminuiria o tamanho da amostra, o questionário não foi testado previamente.

Para a análise dos dados, seguimos a análise de conteúdo, que foi executada em três etapas. A primeira, pré-análise, quando o material foi organizado; a segunda, descrição analítica, fase que se constitui no estudo aprofundado com a categorização; e a última etapa, interpretação inferencial, em que o conteúdo é estudado com bases na teoria e relacionado com a realidade social (Bardin, 1977).

Anexado aos questionários, em seu cabeçalho, foram esclarecidos aos sujeitos os objetivos do estudo, sua relevância, bem como a metodologia para análise dos dados, o caráter confidencial das respostas e seu uso somente para fins científicos. Foi explicitado que, na medida em que os sujeitos res-

pondessem o questionário e o enviasse aos pesquisadores, estariam subentendidas sua livre participação e autorização para utilização do conteúdo das respostas no processo de investigação. Ainda, neste documento, constava que a participação dos sujeitos era voluntária. Para contato com as pesquisadoras foi emitido, também, o endereço eletrônico de cada uma e o da Unijuí.

Tais medidas foram asseguradas considerando as questões éticas em pesquisa com seres humanos, conforme prevê a Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (Brasil, 2000).

Como garantia de anonimato os sujeitos da pesquisa foram identificados por letras do alfabeto, sendo utilizadas as letras "A, B, C, D, E, F e H", cada uma correspondendo a um dos colaboradores deste estudo.

## Apresentação e Discussão dos Resultados

De posse das respostas, recebidas via correio eletrônico ou postal, os dados foram re-escritos e lidos exaustivamente, separados por convergência de assunto e, a partir daí, analisados. Desse trabalho emergiram duas categorias, das quais uma recebeu o título de: ATIVIDADES DE NATUREZA GRUPAL NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE: potencialidades; e a outra foi assim intitulada: A PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES DE NATUREZA GRUPAL DURANTE A FORMAÇÃO ACADÊMICA: repercussões pessoais e profissionais.

No presente artigo discorreremos sobre a segunda categoria. Poderíamos começar a discutir tal categoria pela importância da experiência para a vida profissional dos sujeitos do estudo, mas preferimos fazer distanciando-nos dos grupos operativos que foram objeto de estudo, e destacando que desde crianças precisamos estar em grupos para nossa sobrevivência e também que, desde essa fase da vida, necessitamos conviver com iguais para que possamos ser livres, autênticos e sonhadores (Marques, 2003).

“Agrupar-se é a lei dos homens”, afirma Marques (2003, p.20). Com essa afirmativa, o autor inicia um discurso sobre os grupos e os homens, dizendo que os homens desde o início da “criação” até os dias de hoje, vivem em grupos. Ressalta que antigamente os agrupamentos eram pequenos e isolados uns dos outros, o que ocasionava que um indivíduo poderia fazer parte de apenas um grupo, nos quais quem possuía maior poder eram as pessoas mais velhas, restando aos mais novos a obediência e pouca liberdade para mudar o que era dado como certo. Com o passar dos tempos, destaca o autor, os grupos tornaram-se maiores e mais complexos, com maior liberdade individual e, com isso, foram “abrindo-se” para a entrada de novos integrantes. Desta forma, uma pessoa poderia estar inserida em mais de um grupo, assumindo papéis diferenciados em cada um e com pertença diferente a cada grupo que integrava.

Utilizamos os dois parágrafos anteriores em virtude do depoimento da colaboradora E, quando diz que mesmo não utilizando os conhecimentos adquiridos nas vivências ora em estudo diretamente para com atividades de natureza grupal, ou com grupos operativos, nunca deixou de utilizá-los, uma vez que estamos constantemente interagindo com grupos, o que corrobora as idéias antes mencionadas.

Penso que nunca deixei de utilizar meus conhecimentos com grupos, pois estamos constantemente fazendo parte de grupos, na vida pessoal e profissional, com amigos, colegas de trabalho e com os alunos (E – GGF e GSM/S).

Outros depoimentos também evidenciam o uso dos conhecimentos adquiridos com os grupos, em setores da vida que não estão diretamente relacionados à atenção à saúde dos indivíduos (seja profissional ou pessoal). Nas seguintes escritas podemos visualizar com clareza tais opiniões:

A vivência no grupo me ajudou nas minhas buscas, na Especialização, nas entrevistas de trabalho (H – GSM/S).

[...] trabalhar em instituições hospitalares faz com que você lembre de cada princípio das teorias de dinâmicas de grupo, pois os relacionamentos interpessoais às vezes são complicados [...], consegui adquirir (com a experiência no GSM/S) mais

conhecimento e capacidade de argumentação em situações necessárias. Além, da contribuição em minha vida pessoal (F – GSM/S).

Os sujeitos do estudo referiram que, para eles, os Grupos dos quais participaram, de forma extracurricular durante a vida acadêmica, configuraram-se como um meio para aprendizagem sobre grupos, o que contribuiu na formação universitária. Vejamos os depoimentos que seguem:

Com certeza sim, porque pude através da disciplina de Metodologia e Dinâmica dos Trabalhos em Grupo e a participação efetiva em três grupos diferentes, formar uma compreensão sobre este assunto, o que pessoalmente considero indispensável na formação de qualquer profissional, em especial profissionais de saúde, pela visão multifocal e rica que esta vivência proporciona (D – GGF; GSM/S).

Acredito que trouxe muita contribuição, começando pelo entendimento do que é grupo, quais são suas finalidades, como se estruturam os encontros e também como lidar com situações inesperadas (E – GGF; GSM/S).

Os trabalhadores do campo da saúde necessitam, além de conhecimento para operarem procedimentos técnicos e administrativos, num patamar de igual importância, ter preparo teórico e vivencial para trabalharem com pessoas, sejam elas de sua equipe de trabalho, pacientes em âmbito hospitalar, usuários da rede básica ou integrantes de grupos operativos em saúde.

Nesse sentido, não podemos esquecer que os grupos operativos nasceram dentro de um hospital (Osório, 2003) e que hoje, na busca de um atendimento integral e humanizado, está sendo investido, cada vez mais, neste tipo de trabalho, basta avaliarmos os inúmeros e crescentes grupos de diabéticos, de hipertensos, de gestantes, de familiares de pacientes em fase terminal, entre outros, que conhecemos. Desta forma, fica evidente a importância de se aprender, ainda na academia, a operar com grupos, visto que mais tarde as instituições requerem a inserção em (ou mesmo a coordenação de) trabalhos desta natureza.

Num outro depoimento, percebemos ainda a questão da aprendizagem, porém desta vez trata-se da aquisição de conhecimentos para a vida do sujeito fora do âmbito de sua profissão.

Sem contar no aprendizado que adquiri para o momento em que estarei gestando (C – GGF).

Analisando as escritas dos sujeitos do estudo percebemos que a experiência vivenciada pelos mesmos oportunizou, também, um aprendizado sobre grupos do tipo operativos, o que, mais tarde, vem contribuir com a implementação desse tipo de trabalho na atuação profissional. Lembramos os apontamentos referentes ao estudo realizado com coordenadores de grupos (Munari; Furegatto, 2003), em que foi evidenciada a importância dada pelos sujeitos daquele estudo ao fato de se ter conhecimento teórico e prático com atividades de natureza grupal ainda na graduação.

A experiência vivenciada e “experienciada” durante a trajetória acadêmica me fortaleceu ainda mais a idéia e o verdadeiro conceito de grupos (A – GSM/S).

Além disso, hoje trabalho na coordenação de grupos com pacientes somáticos e posso organizá-los com tranqüilidade, pois minha experiência com grupos me ofereceu uma bagagem boa de conhecimentos, que posso aplicar como profissional (D – GGF; GSM/S).

Hoje sou enfermeira em uma unidade que tem o Programa de Saúde da Família e estou formando os grupos, [...]. Além de utilizar os conhecimentos adquiridos durante a graduação, busco sempre aprimorar os mesmos, visando sempre a melhoria da qualidade do meu trabalho (G – GSM/S).

Pensando que o aprendizado se dá no momento em que há interação entre o saber, o pensar e o agir consideramos, com base em um dos relatos, que é evidente que o processo da aprendizagem é facilitado por meio da vivência e isso contribui na vida profissional. Esta apreensão assenta-se no depoimento em que o sujeito refere que consegue colocar em prática aquilo que aprendeu durante a graduação, mais especificamente durante a atividade de natureza grupal da qual participou. Observemos sua fala:

[...] ora atuando em um hospital de médio porte, é possível trazer a “bagagem adquirida” para o interior desta instituição, vários aspectos discutidos podem ser implementados em uma instituição hospitalar (B – COLEGES).

Na tentativa de melhor entender esse processo – o aprendizado –, utilizamos alguns apontamentos para esse assunto.

Toda a aprendizagem só é efetiva e eficaz à medida que se finalize na tradução de seus conteúdos ao nível das práticas cotidianas dos indivíduos e grupos, pelas quais o mundo da vida se reconstrói no horizonte aberto das novas situações. (...) e que as condições básicas da aprendizagem e os conteúdos dela se dão no concreto da história em sua realidade inscrita no aqui e agora da vida cotidiana (Marques, 2000, p. 20).

O sujeito H, na seqüência de suas escritas, ressalta que, por meio da participação em atividades como as em análise neste estudo, consegue hoje sentir a repercussão em seu trabalho, atribuindo a essa experiência o atendimento humanizado aos pacientes. Destacamos, portanto, que o cuidado humanizado, conforme estudiosa sobre o tema, não pode ser prescrito, ele é sentido, vivido e exercitado e envolve valores que deveriam fazer parte do ensino, do cotidiano acadêmico e da vida profissional (Waldow, 1999). Vejamos o que nos diz um colaborador de nosso estudo:

Os conhecimentos adquiridos no grupo me permitem um manejo mais humano e coerente com os pacientes que chegam em surto no PS, bem como os internados. Assim como me possibilitam um atendimento diferenciado com os demais pacientes e familiares (H – GSM/S).

Ainda nesse contexto, destacamos a fala de A que, assim como a anterior, destaca a repercussão positiva em seu trabalho das experiências vivenciadas na faculdade.

[...] precisamos constantemente manter a conduta terapêutica, como também o respeito à subjetividade do indivíduo como meta principal [...] (A – GSM/S).

Vale mencionar que o sujeito C, cuja expressão segue, não está atuando profissionalmente no momento e não o fez desde a formatura. Assim, mesmo não tendo como avaliar a repercussão da vivência na atuação profissional, acredita nos seus benefícios quando diz que ainda não utilizou os conhecimentos oriundos da vivência em grupos, mas deixa claro que:

[...] com a experiência que adquiri sei que o trabalho grupal é uma ótima forma de conseguir resultados bons com os pacientes, além da proximidade que é criada entre profissional – paciente (C – GGF).

A empatia, entendida como a capacidade de colocar-se no lugar do outro, destaca-se nos depoimentos como uma característica aprendida, dentre outras formas, por meio das experiências em atividades de natureza grupal, como podemos observar nos trechos que seguem.

Trouxe maior capacidade de empatia, ou seja, aprender a se colocar no lugar do outro conseguindo identificar quais eram as necessidades, angústias, medos (F – GSM/G).

Acredito que a convivência em grupos desenvolve empatia para com as outras pessoas, aprendemos a escutar e depois falar, a respeitar os outros e suas opiniões e formar uma própria (D – GGF; GSM/S).

Constatamos, portanto, com este tema, que a vivência em atividades de natureza grupal durante a formação universitária possibilita ganhos pessoais e profissionais, destacando-se a aprendizagem nesses dois âmbitos. Tal apreensão dá, ao fenômeno em estudo, caráter operativo, considerando-se que, para o criador dessa ideologia grupal (Pichon-Rivière, 2000), a finalidade precípua dos grupos operativos é sempre operar mudanças por meio de determinada atividade, o que parece ter ocorrido com cada sujeito do estudo, na medida em que afirmam ter “aprendido” algo para vida pessoal, tornando-os mais humanos, e também algo para a vida profissional, contribuindo para a predisposição a um trabalho em equipe.

## Considerações Finais

Que o homem, por sua natureza, vive em grupos é uma afirmativa constante entre os autores que trabalham com atividades de natureza grupal. Com essa afirmativa damos início à etapa final de nosso estudo.

O estudo evidencia a compreensão, por parte dos sujeitos, acerca do termo grupo propriamente dito, sobre a dinâmica de funcionamento dos diferentes grupos, bem como os ganhos que a vivência em atividades extracurriculares de natureza grupal representaram para a vida pessoal de cada participante.

Permite, também, perceber que a participação em atividades de natureza grupal na condição de acadêmico vem a somar na formação profissional. Há, entretanto, de destacar que, se a participação traz benefícios para uns, presume-se que os outros acadêmicos, que não participam dessas atividades extracurriculares, seja por desinteresse ou por não terem sido classificados nos processos seletivos para o ingresso de estudantes, não usufruem das mesmas possibilidades. Diante disso e considerando que por meio de atividades da natureza que analisamos neste estudo há a possibilidade concreta de interação entre teoria e prática, contribuindo para aumentar a capacidade crítico-reflexiva dos acadêmicos em sua construção como sujeitos, o estudo aponta a necessidade de fomentar tais iniciativas, implementando-se atividades de natureza grupal, interdisciplinares, em outros campos do saber.

## Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos, Telmo Baptista. Portugal: Porto Ed., 1994.
- BRASIL. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. *Normas para pesquisa envolvendo seres humanos: (Res. CNS 196/96 e outras)*. Conselho Nacional de Saúde: Brasília: Ministério da Saúde, 2000.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- LO BIONDO-WOOD, G.; HABER, J. *Pesquisa em enfermagem: método, avaliação, crítica e utilização*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001

- MARQUES, M. O. Aprendizagem na mediação social do aprendizado e da docência. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.
- MARQUES, M. O. *Botar a boca no mundo: cidadania, política e ética*. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MUNARI, D. B.; FUREGATTO, A. R. F. *Enfermagem e grupos*. 2. ed. Goiânia: AB, 2003.
- \_\_\_\_\_. Processo grupal em enfermagem: possibilidades e limites. *Revista de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 237-50, ago./1997.
- OSÓRIO, L. C. *Grupos teorias e práticas – acessando a era da grupalidade*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- TRIVIÑOS, A. N. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1995.
- VAN DER SAND, I. C. P.; CAMPOS, I. F. A.; SARTORI, G. S. *Grupo de gestantes e familiares: uma alternativa de atenção interdisciplinar*. Ijuí: Vice-reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, Unijuí, 2003. 14 p. [Projeto de Extensão do Departamento de Ciências da Saúde, Unijuí].
- VAN DER SAND, I. C. P.; CAMPOS, I. F. A., SARTORI, G. S. Grupo de gestantes e familiares: uma alternativa de atenção interdisciplinar. *Scientia Medica*, 2004.
- VAN DER SAND, I. C. P. et al. Atividades grupais em enfermagem: relato projetos de extensão. *Expressa Extensão*, Pelotas, v. 6, n. 1 e 2, p. 55-62, jul./dez., 2001.
- WALDOW, VR. *Cuidado humano: o resgate necessário*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.
- WALL, M. L. *Tecnologias educativas: subsídios para a assistência de enfermagem a grupos*. Goiânia: AB, 2001.